

A dimensão política dos relatos de viagem no século XX: considerações
a partir do estudo de relatos de viagem de brasileiros à URSS
Raquel Mundim Tôres*

Resumo:

Trabalhar com relatos de viagem do século XX é um desafio novo em nossa historiografia. Primeiramente porque eles fazem parte de um gênero diversificado, a literatura de viagem, podendo ser compostos por diversos gêneros. Outro fator envolve a forma como eles foram analisados ao longo da história: nem sempre o olhar e os critérios lançados a eles foram os mesmos. Por fim, é necessário considerar as especificidades do século XX que fizeram com que os relatos adquirissem novos sentidos e funções. Identificar as características em comum e os novos sentidos do relato de viagem é fundamental para compreendê-los, e é o que este artigo propõe. Palavras-chave: relatos de viagem; século XX; URSS.

Abstract:

Working with travel accounts of the twentieth century is a new challenge in our historiography. Firstly because they are part of a diversified genre, travel literature, and may be composed by various genres. Another factor involves how they were analyzed throughout History: the look and the criteria launched on them have not always been the same. Finally, it is necessary to consider the specificities of the twentieth century that provide new meanings and functions to travel accounts. Identify common features and new meanings of travel accounts are crucial to understand them, and that is what this article proposes.

Keywords: travel accounts; twentieth century; USSR.

* Mestranda em História Social pela Universidade Estadual de Campinas. Financiada pela Agência FAPESP. quelmt@yahoo.com.br

Relatos de viagem: possibilidades, características e limites

De acordo com Peter Hulme e Tim Youngs, organizadores do livro *The Cambridge Companion to Travel Writing*, viagem e escrita sempre foram intimamente conectadas, sendo as narrativas de viagem tão antiga quanto as histórias ficcionais. No entanto, os autores afirmam que foi apenas no século XVI que a escrita se tornou parte essencial da viagem. Patrocinadores políticos ou comerciais esperavam relatórios e mapas, e o público ansiava por histórias de lugares distantes. Os relatos, desta maneira, eram uma forma importante de atrair investimentos e colonizadores para as terras descobertas (HULMES, YOUNGS, 2005, p.2).

O impacto da descoberta do Novo Mundo por meio das grandes navegações marítimas trouxe consigo o surgimento de utopias clássicas europeias, as quais se inspiraram diretamente na literatura de viagens marítimas, como *Utopia*, de Thomas Morus, que teve como principal influência o relato de viagem de Américo Vespúcio, *Quatro Viagens ao longo do Mundo*. Nesse sentido, Jerzi Szacki nota uma ligação íntima e multilateral entre a utopia espacial clássica e a literatura de viagem da época, percebendo que ambas possuíam o mesmo espírito de fascínio pela novidade, observadas a partir de comparações com a sociedade de seus próprios autores (SZACKI, 1972, p.32). Não havia, segundo ele, uma distinção nítida, como encontramos hoje, entre a literatura fantástica e os relatos de viagens.

No entanto, distinguir fatos de ficção era importante para alguns leitores e autores do século XVI. Richard Hakluyt, editor e diplomata inglês, preocupava-se com a veracidade do relato, dando preferência a testemunhos de viagens (HULMES; YOUNGS, 2005, p.3). Outro exemplo é Hans Staden, cronista alemão do século XVI que, diferenciando-se da atmosfera de fantasia de outros cronistas, narrou duas viagens realizadas à América com a preocupação de garantir aos leitores a veracidade dos acontecimentos. O prefácio de seu livro, escrito por Datum Wolffhagen, fundamenta a importância do testemunho para a época: "... não posso

duvidar que este Hans Staden conte e escreva com exatidão e verdade a sua narrativa e viagem não por tê-las colhido de outrem, mas de experiência própria, sem falsidade, e que ele daí não quer tirar glória nem fama para si" (STADEN, 1955, p.19).

Apesar da percepção de que a preocupação com a enunciação da verdade existia em tais séculos, é notório observar que eles também se utilizavam de técnicas ficcionais. É comum, por exemplo, existir diálogos estendidos em relatos de viagem para descrever contatos do viajante com os habitantes da sociedade observada. Os diálogos são também bastante utilizados nos relatos do século XX, e, embora sejam considerados uma técnica ficcional, é interessante observar que contribuem também para a sua veracidade, uma vez que o diálogo deixa explícito as trocas permitidas pelo contato com o outro.

Nesse sentido, como seria possível fazer a distinção entre os escritos de viagem reais dos ficcionais? Essa separação seria necessária, segundo Borm, pelo fato de as expectativas dos leitores de um livro de ficção não serem as mesmas que as dos leitores de um relato de viagem. Embora ambos exemplos possam ser estudados dentro da estrutura da literatura de viagem, Hans Jauss sugere que uma maneira de distingui-los seria identificar os aspectos dominantes de um trabalho ou gênero que compõem a narrativa. Qualquer narrativa caracterizada por uma "dominância não ficcional" que relata, quase sempre na primeira pessoa, uma jornada a qual o leitor supõe que aconteceu, e em que se pressupõe que o autor, narrador e protagonista do relato sejam a mesma pessoa, estaria apta a ser considerada como um relato de viagem verídico e não ficcional (JAUSS Apud BORM, 2004, p.18).

Com o aumento das expedições marítimas europeias, cresceu também o número de relatos e suas possíveis formas. Ao estudar os relatos de uma expedição científica do século XVIII, Pratt chama a atenção para uma variedade de corpus documental: depoimentos orais, textos escritos, traduzidos, cartas, relatórios, histórias de sobrevivência, descrições cívicas, narrativas de navegação, etc., demonstrando já existir um múltiplo perfil

de relatos de viagem nas fronteiras de expansão da Europa (PRATT, 1999, p.47). A partir da segunda metade do século XVIII, esses relatos abriram espaço para o surgimento de narrativas mais descritivas e científicas, influenciadas pelo surgimento da história natural. Fosse o viajante um cientista ou não, a narração de coleta de espécies, a construção de coleções, ou a identificação de plantas e animais tornaram-se temas típicos nos livros de viagem. Desta forma, os relatos passaram a dar maior importância para a catalogação da natureza e para a descrição da fauna e da flora, embora tais descrições também sejam componentes de alguns relatos do século XVI (PRATT, 1999, p.59).

A amplitude das possibilidades de formas e conteúdos de um relato de viagem é extensa em qualquer época analisada. Em seu trabalho, Pratt admite que não se preocupou em circunscrever o relato de viagem a um gênero, mas sim evidenciar a sua heterogeneidade e suas interações com outras formas de expressão. Apesar disso, seu estudo comparativo de relatos de uma época permitiu o conhecimento dos temas prioritários para o período e suas características em comum, possibilitando uma historicização de tais documentos.

Há um consenso entre pesquisadores de diversas áreas a respeito da heterogeneidade dos relatos de viagem. Jonathan Raban compara o relato a uma casa mal-afamada de portas abertas onde diferentes gêneros, como o diário privado, o ensaio, o poema em prosa ou a nota inacabada, entre outros, terminam em uma mesma cama ou conversam com uma indiscriminada hospitalidade em uma mesa polida (RABAN Apud BORM, 2004, p.16). O relato de viagem seria um gênero da sua própria maneira, que, ao mesmo tempo em que é composto por outros gêneros, contribuiu também para a gênese do romance moderno e para a renascença da autobiografia (CAMPBELL Apud BORM, 2004, p.14).

A autobiografia é, aliás, outra característica comum aos relatos: todos eles são autobiográficos em determinado grau, embora não haja necessidade dos viajantes providenciarem um resumo de suas vidas de maneira biográfica (BORM, 2004, p.14). Contudo, uma vez que apontam

suas observações a respeito de um lugar visitado, utilizando-se de comparações com suas próprias sociedades e valores, necessariamente falam de si mesmos. A descoberta desse aspecto gerou modificações na forma de se trabalhar com os relatos de viagem, algo que veremos adiante.

Mary Anne Junqueira elenca outras características comuns do "corpus heterogêneo" das narrativas de viagem: eles estão sempre articulados a algum tipo de deslocamento e sempre pressupõem um leitor, mesmo que este seja seu autor. É necessário, portanto, contar como certo que o autor se esmera para capturar a atenção do público-alvo. Além disso, relatos de viagem são fontes de inspiração para outras jornadas, o que significa que muitas vezes eles estão conectados. Por último, ela esboça o problema da "veracidade" dos conteúdos elaborados, mesmo daqueles teoricamente não ficcionais. Como exemplo, ela cita o relato de Jean de Mandeville que narra uma viagem à Terra Santa, sendo um dos livros mais populares na Europa entre os séculos XV e XVI. Tempos depois, foi descoberto que Mandeville nunca existira e que o autor havia feito o relato a partir de uma compilação de textos. No século XIX, o relato foi classificado como impreciso e não verdadeiro. Hoje a narrativa de Mandeville é compreendida como uma compilação bem-sucedida e sua importância pauta-se na "verdade que o autor quis construir" (JUNQUEIRA, 2011, pp.46 a 53).

O problema da veracidade do relato está de acordo, portanto, com as formas de abordagem e critérios utilizados pelo período em que ele é analisado. As últimas pesquisas têm apontado uma preocupação com a análise do discurso, independente das informações serem verídicas ou não. De qualquer maneira, as transformações políticas, econômicas e sociais e os diferentes interesses de cada época fazem com que o ato de viajar esteja sempre em transformação, provocando uma constante alteração dos significados e das funções de um relato. Isso reforça o senso de considerá-lo como parte de um gênero amplo e transformador, com uma história complexa que precisa ser continuamente analisada.

Formas de abordagem do relato de viagem na historiografia brasileira

Miriam Leite, Eneida Sela e Stella Franco são historiadoras brasileiras que analisaram relatos de viagem do século XIX como objeto de pesquisa central. Todas elas chamam a atenção para o fato de que, sobretudo entre as décadas de 1930 e 1970, as narrativas de viajantes estrangeiros foram utilizadas como fontes verídicas da realidade brasileira, sem análises críticas e fora de qualquer perspectiva histórica. Franco observa que historiadores como Capistrano de Abreu, Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre percebiam os relatos como fontes de informações e espaços de busca de registros mais específicos, como dados demográficos ou aspectos fisionômicos da população. Ela cita um exemplo de Capistrano de Abreu, que, a partir de relatos de cientistas europeus, apresentou dados estatísticos sobre a população de Goiás e formulou características físicas dos paulistas (FRANCO, 2011, p.65). Os dados encontrados não chegavam, no entanto, a ser desautorizados ou questionados.

Esse não questionamento das informações e dados permitia que diversos preconceitos e visões do homem europeu fossem transpostos para as obras historiográficas. Sela comenta que as narrativas de viajantes estrangeiros que estiveram no Brasil ao longo do século XIX tornaram-se critério de legitimidade para a construção de leituras sobre a escravidão empreendidas por historiadores e cientistas sociais:

Nesses casos, a apropriação dos relatos de viagem acabou evidenciando, muitas vezes, uma instrumentalização de fragmentos narrativos daquelas fontes como transparência do real. Tal procedimento ignorou a opacidade cultural, os códigos, os juízos incorporados acriticamente, no afã de demonstrar certas teses. Isso permitiu que interpretações por vezes conflitantes partilhassem da mesma convicção de serem as obras de viagem um dos mais autorizados documentos sobre a sociedade brasileira do século XIX, especialmente quanto aos significados da escravidão (SELA, 2008, p.29).

Ainda segundo Sela, somente a partir da década de 1980 que começaram a surgir pesquisas no Brasil preocupadas em desvendar os significados das obras dos viajantes por meio de análises que consideravam o lugar dos autores em relação à realidade observada. Surgiram novas preocupações, como a discussão sobre as intenções e o lugar de enunciação nacional, social e ideológico dos viajantes. Como uma maneira de questionar a fidedignidade das fontes e o discurso até então construído, o enfoque tornou-se quase que exclusivo sobre os autores das narrativas e a formação de suas visões.¹

As preocupações foram deslocadas para o universo cultural do próprio viajante, uma vez que suas opiniões e julgamentos apontavam mais para seu próprio âmbito cultural do que para o lugar visitado (JUNQUEIRA, 2011, p.45). No entanto, Leite lança apontamentos contrários a essa perspectiva: ela defende que o viajante, por sua qualidade de estrangeiro, tem condições de perceber aspectos e incoerências da sociedade observada que o habitante, por estar inserido na sociedade e habituado ao ambiente, não consegue perceber. O viajante seria, portanto, um observador “alerta e privilegiado do grupo visitado” (LEITE, 1999, p.10).

Nesse sentido, ela afirma que seu trabalho a respeito dos relatos de viagem produzidos por mulheres europeias no século XIX é, na verdade, um testemunho duplo, tanto da condição da mulher europeia denunciado pelo discurso das autoras quanto da mulher brasileira que é observada. Leite, porém, ressalva que os obstáculos linguísticos, culturais e econômicos dos viajantes, além da sua postura de civilizada perante um povo atrasado, faz com que o observador tenha amostras fragmentárias da sociedade,

¹ Exemplos de obras que seguiram essa linha: LEITE, Ilka Boaventura. Antropologia de viagem. Escravos e libertos em Minas Gerais no século XIX. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996. SUSSEKIND, Flora. O Brasil não é longe daqui. O Narrador: a viagem. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. LISBOA, Karen Macknow. A nova Atlântida ou o gabinete naturalista dos doutores Spix e Martius: natureza e civilização na viagem pelo Brasil (1817-1820). São Paulo: Hucitec, 1997. TORRÃO FILHO, Amílcar. A arquitetura da alteridade: a cidade luso-brasileira na literatura de viagem (1783-1845). São Paulo: 2010.

concluindo que a literatura de viagem está longe de poder ser utilizada como fonte exclusiva (LEITE, 1999, p.63).

Franco admite que a capacidade dos relatos de viagem de alcançarem diversas dimensões do passado é inquestionável. Segundo ela, a fonte trafega entre a materialidade da experiência e a subjetividade do olhar do viajante. Ela levanta, então, uma questão crucial: os relatos prestam-se a mostrar mais eficazmente o cotidiano e suas práticas ou proporcionam maiores vantagens ao estudo de visões de mundo dos viajantes? A percepção de que representações e práticas são âmbitos imbricados que constituem parte de um mesmo todo seria a resposta. A fim de exemplificar qual seria o caminho equilibrado entre a análise das convenções narrativas e das práticas sociais, ela utiliza o trabalho de Jaime Rodrigues (RODRIGUES, 2005), que, embora não tenha o relato como foco principal, distingue-se por confrontar diversos tipos de fontes, como correspondências, processos de apreensão de navios, dicionários de marinharia, etc. (FRANCO, 2011, p.82).

Rodrigues afirma que os relatos de viagem permitem entrever certas práticas de bordo que, na ausência de outras fontes, seriam insondáveis. Embora o discurso possa estar permeado de preconceitos e estereótipos, ele também esconde práticas sociais que podem ser percebidas pelo estranhamento do que está oculto no relato (RODRIGUES, 2005, p.36). Ao invés de serem encarados como verdades absolutas, os relatos devem ser vistos como pontos de partida para possíveis versões da sociedade analisada. Desta forma, Franco completa observando que o relato não necessariamente mostraria a realidade em si, mas sim tendências do real que disputam entre si:

Cabe ao historiador matizar visões hegemônicas, desconstruindo os relatos, na medida em que a realidade não se resume àquilo que mostram. Para tanto, é preciso compreender por que o autor ou os autores dos relatos procederam de tal ou qual maneira e a que interesses particulares respondiam. No lugar de separar práticas, dados, informações, cotidiano, materialidade, de discurso, convenção, representação, entende que esta última instância também é parte da realidade, e que esta é ao mesmo tempo plural e diversa. (FRANCO, 2011, p.85)

Esta seria, portanto, a atual forma de abordagem dos relatos de viagem em nossa historiografia. Ao invés de pautarem-se no questionamento da fidedignidade dos relatos, os historiadores abriram terreno para uma análise de discurso que possibilita reflexões a respeito das “zonas de contatos” das viagens, hierarquias e relações de poder, sem deixar de lado a perspectiva de trabalho relacionada às condições estruturais e materiais das viagens e os aspectos do cotidiano (FRANCO, 2011, p.86).

Embora as formas de abordagem dos relatos de viagem tenham se modificado com o passar do tempo, há ainda muito que se fazer. De acordo com Hall, o corpo substancial da literatura de viagem sobre o Brasil foi investigado parcialmente, em parte devido à dificuldade de localização e ao fato de alguns se encontrarem em línguas mais “exóticas” (HALL, 2003). Afora isso, diversos relatos que aparecem em periódicos continuam sendo ignorados.² Existe ainda a necessidade de que haja mais estudos sobre relatos de viagem escritos por brasileiros, tanto para outros países quanto para outras partes do Brasil. É perceptível observar que até então o foco das pesquisas tem sido relatos de viajantes europeus no período colonial. São poucos e recentes os estudos que abordam narrativas de viajantes oriundos de outras regiões além da Europa,³ não existindo ainda uma catalogação de relatos de viagem produzidos por latino-americanos.

² Para uma ideia do volume da variedade da literatura periódica, Hall sugere Tom B. Hones, *A Bibliography on South American Economic Affairs: Articles in Nineteenth-Century Periodicals*. Minneapolis: 1955. Hall cita ainda diversas compilações bibliográficas de relatos de viagem ao Brasil: CHAMBOLLE, Monique. *Les Voyageurs français au Brésil au XIXe siècle*. Paris: 1969. VERRI, Gilda Maria Whitaker. *Viajantes franceses no Brasil*. Recife, 1994. NAYLOR, Bernard. *Accounts of Nineteenth-Century South America: An Annotated Checklist of Works by British and United States Observers*. London: 1969. WELCH, Thomas L. FIGUERAS, Myriam. *Travel Accounts and Descriptions of Latin America and the Caribbean, 1800-1920*. Washington: 1982. TJAKS, Alicia V. *Brazil: Travel and Description, 1800-1899: a Selected Bibliography*. *Revista de Historia da América*, 83, 1977. GOODMAN, Edward J. *The exploration of South America: an Annotated Bibliography*. New York, 1983.

³ Alguns estudos que trabalham com viajantes não europeus: JUNQUEIRA, Mary Anne. *Charles Wilkes, a U.S. Explorin expedition e a busca dos Estados Unidos da América por um lugar no mundo*. *Tempo*. Departamento de história da UFF, v.13, p.120-38, 2008.

Franco salienta que há o costume de associarmos os “viajantes” aos “europeus”, não nos ocorrendo englobar os latino-americanos nesta categoria, uma vez que expedições científicas e viagens europeias tiveram maior vulto do que às dos latino-americanos à Europa ou a outras partes do mundo (FRANCO, 2008, p.22). Esta associação provavelmente está em transformação, pois, ao considerarmos que a análise do discurso pode dizer muito a respeito das próprias intenções do viajante e de sua sociedade, pode-se aferir que o trabalho com relatos de viagem de brasileiros ganha certo privilégio em relação aos relatos de viajantes europeus, uma vez que há uma maior facilidade de entrarmos em contato com a cultura e sociedade do viajante a partir de fontes como documentos biográficos, livros e periódicos.

Ao analisar relatos de viagem escritos por três autoras latino-americanas que viajaram à Europa e aos Estados Unidos no século XIX (FRANCO, 2008), Franco observa que enquanto os viajantes europeus encaravam a América como um local a ser visitado, compreendido e transformado, determinando uma direção verticalizada por meio de relações desiguais de poder entre o “eu” europeu e o “outro” latino-americano, nos relatos de latino-americanos a perspectiva muda: o local observado, isto é, a Europa ou os Estados Unidos, é que são esperados como lugares de civilização. Isto é, a visão e expectativas de viajantes latino-americanos do século XIX são contrárias, mas elas ainda estão fundamentadas na direção verticalizada imposta pelo olhar europeu.

A nova estruturação política, econômica e social do século XX – fundamentada por eventos como a consolidação das nações e do nacionalismo dos países americanos, as consequências do euroimperialismo e da Primeira Guerra Mundial, os avanços tecnológicos nas comunicações e transportes e o surgimento de um novo sistema político e econômico na

BAGGIO, Kátia Gerab, “Dos trópicos ao prata: viajantes brasileiros pela argentina nas primeiras décadas do século XX”. HISTÓRIA REVISTA (UFG), v.13, n.2, p425-45, 2008. FRANCO, Stella Maris Scatena. Peregrinas de outrora. Viajantes latino-americanas no século XIX. Santa Catarina: Editora Mulheres, 2008.

União Soviética, ameaçador da ordem econômica vigente – teve impacto nos relatos de viagem subsequentes.

Os relatos de brasileiros que viajaram à URSS, por exemplo, não se encaixam em uma direção verticalizada de relações desiguais de poder, pois dialogam com relatos de americanos, franceses, ingleses, espanhóis que também construíram suas versões a respeito da URSS de maneira bastante semelhante. A dicotomia colono/colonizado cedeu espaço à dicotomia capitalismo/socialismo, alterando, essencialmente, as funções dos relatos e as intenções de seus autores. É o que veremos a seguir.

Relatos de viagem no século XX: por uma dimensão política

Um dos aspectos que mais contribuiu para as diferenciações das viagens do século XX foi o aumento da facilidade de locomoção, como consequência dos incrementos na mobilidade a partir da década de 1840. A amplitude de linhas de trem, de companhias de navios a vapor, como efeito do imperialismo emergente, e, posteriormente, o surgimento de companhias aéreas permitiram a circulação de pessoas no mundo de uma maneira até então nunca vista (CARR, 2005, p.70). Houve, por consequência, um aumento do número de relatos de viagem publicados.

Ao mesmo tempo, o perfil dos viajantes e os motivos da escrita mudaram: se nos séculos anteriores os escritos de viagem eram produzidos em sua maioria por missionários, exploradores e cientistas, no período de transição entre os séculos XIX e XX o perfil dos viajantes tornou-se bastante heterogêneo, tanto por sua ampliação de gênero – mulheres, mesmo desacompanhadas, passaram a viajar mais – quanto pela inclusão de poetas, romancistas, intelectuais, ou meros turistas.

A heterogeneidade de autores e a adquirida consciência da amplitude de culturas diversas fizeram com que a escrita de um relato de viagem se tornasse mais subjetiva. Antes encarado como um possível manual para conhecimento de sociedades até então desconhecidas, o relato tornou-se mais memorialístico. Michel Butor afirma que o ato da viagem passou a

justificar o ato da escrita por si só. A narração, antes conectada a um didatismo ou a um propósito moral, abriu espaço para um estilo impressionista, com o interesse focado não apenas no que era percebido nas viagens, como também nas reações e consciência dos próprios viajantes (BUTOR Apud CARR, 2005, p.74).

Os relatos de viagem europeus eram, por exemplo, não só divulgadores das consequências do imperialismo e das atrocidades cometidas nos países africanos, mas também uma forma de questionar os valores e fundamentos da então civilização europeia. Segundo Carr, durante o período entre guerras é notável perceber certo aborrecimento com o mundo, denunciando desilusão com os pilares da civilização ocidental e seus impactos perante o resto do mundo (CARR, 2005, p.81).

É no período entre guerras que surgem as consequências da Revolução Russa de 1917. A União das Repúblicas Socialistas Soviéticas foi percebida por muitos como um símbolo contra as estruturas ocidentais, como a incessante busca por lucro e o enaltecimento do individualismo em detrimento de um senso de comunidade. Hobsbawm frisa que é praticamente impossível imaginar o que a Revolução de Outubro significou para os homens de seu tempo, pois foi a primeira revolução proletária a empreender uma construção de ordem socialista (HOBSBAWM, 1985, p.15). A noção de revolução, palavra que expressa uma transformação violenta e profunda, se “espacializou”, convertendo-se em um lugar determinado no mapa e possível de ser visitado (SAÍTTA, 2007, p.11).

Após o período da Guerra Civil russa (de 1918 a 1921), a URSS passou a ser vista como um local de peregrinação ou contra-peregrinação. Iniciou-se um turismo de massa formado por oficiais, voluntários, militantes intelectuais, jornalistas ou apenas curiosos a conhecer o novo regime. Mais do que isso, a partir de 1925, viagens de delegações operárias e camponesas abriram as estadias na União Soviética a categorias sociais que dificilmente viajavam ao exterior. As novas formas de viagem, no entanto, não tinham muita semelhança com o turismo burguês do século XIX, pois não se tratava de conhecer uma civilização ou uma cultura estrangeira, e sim de descobrir

e analisar um novo sistema político, permeado por mecanismos de propaganda (MAZUY, 2002, p.8).

As viagens encontravam-se em torno de uma luta política e propagandística em relação à imagem da União Soviética. Em *Au Pays de Soviets: Le Voyage Français en Union Soviétique 1917-1939*, foram levantados por Fred Kupferman 125 relatos de viagem publicados na França neste período, sendo a maioria a favor do regime socialista soviético, muitos deles feitos por militantes do Partido Comunista francês e por peregrinos enviados pela "AUS",⁴ Associação Francesa de Amigos da União Soviética (KUPFERMAN, 1979, p.172).

Há um consenso entre pesquisadores de relatos de viagem à URSS em defini-los como relatos políticos. Ângela Kershaw, ao estudar relatos femininos de francesas e inglesas à URSS, comenta que as narrativas são um modelo específico de escrita política (KERSHAW, 2006, p.64). Já Paul Hollander, autor de um trabalho que analisa intelectuais ocidentais que viajaram a URSS, China e Cuba entre 1928 e 1978, ressalva que as viagens fazem parte de uma peregrinação política, onde é feito um tour reverencial a países atrativos politicamente e que se tornaram moldes no século XX. Segundo ele, os relatos de viagem fornecem mais do que um esboço de valores políticos: eles contêm a noção de boa e má sociedade e de justiça do grupo analisado (HOLLANDER, 1981, p.4).

Sylvia Saítta, ao realizar uma compilação de relatos de viajantes argentinos de esquerda para países socialistas, comenta que a viagem à URSS inaugurou não só uma nova forma de viajar, mas também um novo modo de narrar a experiência da viagem. O relato de viagem de esquerda se internacionalizou, pois sua estrutura narrativa passou a se reiterar entre os viajantes, independente do país de origem e da língua enunciada. Os relatos de diversos países, segundo ela, compartilham os mesmos tópicos, experiências parecidas e similares representações (SAÍTTA, 2007, p.21). Brigitte Studder salienta que as narrativas de viagem à URSS foram a

⁴ Em francês, "L'Association Française des Amis de L'Union Soviétique".

formação de uma tradição nova, específica do século XX. São relatos de viagem políticos que elaboram progressivamente o seu próprio sistema de referências, as suas regras narrativas e os seus próprios códigos (STUDER, 2003, p.8).

No Brasil, relatos de viajantes europeus à URSS começaram a ser publicados a partir da década de 1930, inseridos em uma luta propagandística a respeito da União Soviética e o comunismo, travada entre editoras de linha marxista, como a Pax e Calvino Filho, e editoras de literatura anticomunista, em especial a Editora Globo, de Porto Alegre, que passou a traduzir relatos contrários à URSS, em uma coleção chamada Inquéritos sobre a Rússia. A luta intensificara-se justamente na década de 1930, como consequência do aumento do prestígio soviético devido aos resultados do Primeiro Plano Quinquenal de Stalin e a aparente imunização à crise de 1929. A sede de conhecimento pela União Soviética era tanta que o primeiro relato de viagem de um brasileiro publicado em 1931, Rússia, de Maurício de Medeiros, atingiu, em poucos meses, seis edições consecutivas, sendo que cada edição oscilava entre duas ou três mil cópias (CARONE, 1986, p.65). Os demais relatos de brasileiros publicados na década de 1930 foram: Onde o Proletariado Dirige: visão panorâmica da URSS (1932), de Osório Taumaturgo César, O que vi em Roma, Berlim e Moscou (1934), de Juvenal Guanabario, Um engenheiro brasileiro na Rússia (1933), de Cláudio Edmundo, e U.R.S.S: um novo mundo (1934), de Caio Prado Júnior.

Entre os viajantes brasileiros, é interessante observar que Maurício de Medeiros, embora deputado federal pelo Rio de Janeiro em 1927, afirma estar à margem de qualquer cunho ideológico, explicitando que sua viagem foi feita de forma autônoma (MEDEIROS, 1931, p.8). Médico, professor de patologia e de psiquiatria, foi a Paris como delegado à Conferência Interparlamentar de Comércio, reunida em Versalhes em 1928, realizando sua viagem à URSS logo em seguida. Seu subseqüente e também médico, Osório Taumaturgo César, psiquiatra do Hospital Juqueri de São Paulo, viajou à URSS acompanhado de Tarsila do Amaral no segundo semestre de

1931 e, embora não tivesse vinculações formais com o Partido, era simpatizante do PCB.

Cláudio Edmundo, engenheiro contratado pela URSS em 1930, após finalizar seus estudos em Paris para trabalhar durante seis anos como arquiteto-urbanista de novas cidades, mostra-se adepto da doutrina marxista. As cartas que formam seu relato possuem um forte cunho teórico marxista e comunista, apresentando explicações sobre o materialismo histórico, a história da Revolução de Outubro, o regime comunista, além de diversas críticas à sociedade capitalista e suas características. Da mesma maneira, Juvenal Guanabario⁵, jornalista correspondente de um “grande jornal parisiense”, deixa claro durante toda a narrativa sua contrariedade ao fascismo e seu favoritismo ao socialismo soviético e à revolução proletária.

Caio Prado Júnior, tendo realizado sua viagem em 1933, é o único filiado ao PCB. Apesar de ter sido membro do Partido Democrático em 1928, chegando a apoiar Vargas nas eleições de março de 1930, sua decepção com a inconsistência política e ideológica da República Nova de Vargas fez com que ele se filiasse ao PCB em 1931. Seu relato não é descritivo, estando mais preocupado em teorizar sobre o sistema e a ideologia socialista em comparação com os erros do capitalismo do que comentar a respeito das impressões de sua viagem. No entanto, não deixa de fazer observações concernentes à sociedade soviética.

Tais autores estão inseridos nesta internacionalização do relato de viagem de esquerda, mesmo não estando, necessariamente, vinculados ao Partido Comunista. Uma das principais características comuns a tais relatos seria o momento simbólico da passagem da fronteira.⁶ Saitta comenta que

⁵ Não foram encontradas informações biográficas de nenhuma ordem a respeito de Juvenal Guanabario e Cláudio Edmundo. Coincidentemente (ou não), os prefácios de seus livros são assinados pela sigla [H,N], pela editora Calvino Filho.

⁶ É válido observar que as características aqui apontadas não necessariamente dizem respeito apenas aos relatos de viagem à URSS, podendo ser encontradas em relatos de outros períodos. No entanto, mostram-se como características prioritárias nos relatos de viagem analisados pelos pesquisadores aqui citados e nos relatos de viajantes brasileiros.

a narração de cruzamento da fronteira normalmente é um dos capítulos fundacionais dos relatos de viagem à URSS. Os viajantes expressam as dificuldades para conseguir o visto, seus temores antes de enfrentar a alfândega, e comentam sobre a sensação de, finalmente, cruzar a fronteira (SAÍTTA, 2007, p.21). O relato de Maurício de Medeiros, por exemplo, inicia-se com quatro capítulos destinados a descrever as diversas dificuldades e a passagem pela fronteira, sendo eles: “Para entrar na Rússia”, “Uma ante-visão da Rússia Soviética”, “Pelo ar, a caminho da Rússia” e, finalmente, “A Chegada a Rússia” (MEDEIROS, 1931). Saítta ressalva que o cruzamento de fronteira feito pelos viajantes à URSS é literalmente um ritual de passagem entre dois mundos e dois tempos. Cruzar a fronteira significava estar de frente com o radicalmente diferente: “A fronteira que separa dois mundos inteiramente irreconciliáveis – o mundo do capitalismo e o mundo do socialismo vai ficando pra trás” (GUANABARINO, 1934, p.137).

Outro aspecto comum é que não é possível encontrar uma narrativa de viagem à URSS que não esteja repleta de comparações e analogias, principalmente com as sociedades dos próprios autores, com o intuito de descrever ou analisar cenários e costumes soviéticos. Muitos comparavam o que viam ao que já sabiam sobre o regime por terem lido em outros relatos, notícias ou livros sobre a URSS. Nenhum viajante chega ao país sem estar munido de uma expectativa do que irá observar. Kershaw comenta que os autores revelam uma determinação em observar se “o que todos estão dizendo sobre a Rússia” é verdadeiro, demonstrando uma consciência de que muita coisa já vinha sido dita sobre o país (KERSHAW, 2006, p.65).

As viagens realizadas à URSS trazem, contudo, uma peculiaridade, no que diz respeito à forma de recepção dos viajantes. Havia uma preocupação das autoridades e órgãos soviéticos em recepcionar os visitantes, algo que foi denominado por historiadores de “técnicas de hospitalidade”.⁷ Kershaw

⁷ Tais técnicas configuravam-se em medidas designadas pela União Soviética para influenciar a percepção e o julgamento de seus convidados, como o conforto do hotel em que se hospedavam, a constante presença de guias em seus passeios e o controle de locais permitidos para visitas, tentando obter o máximo de controle possível sobre as experiências dos viajantes. (HOLLANDER, 1981).

observa que as “técnicas de hospitalidade” tinham se transformado em verdadeiros “clichês” já em meados dos anos 1930, mas que uma consciência da sua existência pelos viajantes não prova que elas não surtiram efeito em suas percepções. De qualquer forma, segundo ela, as escritoras analisadas em sua pesquisa chegam a problematizar a veracidade de suas narrativas, ilustrando possíveis debates em torno do surgimento de um “novo relato”. Elas mesmas se mostravam cientes de possíveis conclusões superficiais:

Lauret diz que é cedo para dar conclusões definitivas (12), Haldane faz observações iniciais dizendo que “não vai ver e aprender o suficiente, em apenas dois meses, para trazer qualquer coisa que não seja um relatório superficial”, Curie estava consciente de que uma viajante sozinha poderia ver apenas um vislumbre da situação geral do conflito e Bosserdet conclui que “não é nem um mês, nem dois que poderá se formar uma opinião”. (KERSHAW, 2006, p.66).⁸

Os viajantes brasileiros, embora dificilmente apresentem uma autoavaliação de suas opiniões, demonstram uma preocupação em exacerbar a veracidade dos mesmos, se colocando como fidedignos da “verdade” soviética. Interessante notar que eles são contemporâneos aos historiadores que se utilizavam dos relatos como fontes de informações inquestionáveis. O prefácio do relato comporta quase sempre a facticidade do que é descrito. Henri Barbusse, escritor francês que publicou seu próprio relato de viagem à URSS em 1930⁹, é o autor do prefácio do relato de viagem de Osório Taumaturgo Cesar, e afirma: “Ele viu muitas coisas, de onde nos transmite a imagem exata” (CESAR, 1932, p.6. Prefácio em francês. Tradução minha).

A preocupação com a veracidade era tão extrema que havia mesmo uma disputa em relação a qual deles apresentaria uma imagem mais

⁸ Relatos citados: LAURET, Magdeleine. *Une femme en URSS*. Paris: Editions de la Revue mondiale, 1933, HALDANE, Charlotte. *Russian Newsreel*. London: Secker & Warburg, 1942, CURIE, Eve. *Journey Among Warriors*. London: Heineman, 1943 e BOSSERDET, Louise. *Une Française en URSS*. Alger: Editions de Mauretanie, 1937.

⁹ BARBUSSE, Henri. *Russie*. Flamarion, 1930.

Raquel M. Tôrres

transparente da URSS. No prefácio do relato de Cláudio Edmundo há a seguinte observação:

Já conhecemos a opinião de dois cientistas brasileiros sobre a U.R.S.S. Mauricio de Medeiros e Osorio Cesar a visitaram. De volta publicaram as suas impressões, com enorme sucesso. Mas estas impressões não podiam ser completas nem perfeitas. Foram recolhidas num relance, entre o abrir de malas da chegada e as despedidas da partida. Foram visões de dois ou três meses de permanência, impressões de visitantes. [...] As impressões de Claudio da Costa são bem diferentes. Ele não é apenas uma visita. É de casa. Tornou-se íntimo. Conhece a sala de visitas, e tudo mais. Vive na Rússia e trabalha nos seus Planos de 5 anos. Eis porque suas impressões merecem fé e têm mais valor que as colhidas pelos que viram a Rússia como visitas de cerimonia (EDMUNDO, 1933, p.v).

Os autores procuravam passar ainda a ideia de imparcialidade perante o que havia sido observado, independente de suas convicções políticas. O prefaciador não identificado do relato de Juvenal Guanabarino comenta que ele não tem nenhum partidatismo nem juízo a priori, o que o permite submeter os fatos a uma análise crítica, sem disfarces e com sua "infinita complexidade e transcendência" (GUANABARINO, 1934, p.4). Já Caio Prado Júnior afirma que seu relato é um depoimento imparcial de tudo o que viu, e que procurou apenas ser sincero (PRADO, 1935, p.7). Da mesma maneira, Maurício de Medeiros assevera:

Feito com as notas, que eu tomava na ocasião para reavivar minha memória, ele só contém o que vi e pude observar. Não há fantasia, nem crítica. Cada leitor julgue por si as cousas (...) Leia o meu livro...Tudo que nele está é a expressão da verdade. E a verdade é uma coisa tão relativa, que ter-se aproximado dela já deve contentar o escritor mais exigente e o leitor mais ranzinza... (MEDEIROS, 1931, p.8).

A questão da imparcialidade parece ser algo específico dos relatos de viagem do século XX, pois não chega a ser uma característica comentada nas pesquisas sobre viajantes de outras épocas, talvez por não ser um fator

tão relevante aos próprios autores dos relatos, embora não deixe de ser, às vezes, comentado:

A autora não tem pretensões à perfeita imparcialidade, pois nem sempre esta significa virtude. Mas, sabendo que nenhum bem humano pode ser alcançado sem certa dose de mal, espera ter sempre encarado as questões pelos dois lados, ainda que isto lhe tenha custado bastante esforço na composição (GRAHAM, 1956, p.15).

A imparcialidade não é assumida por Maria Graham, viajante britânica que esteve no Brasil na década de 1820, mas é visível a sua preocupação em explicitar que procurou observar “as questões pelos dois lados”. A ideia de se mostrar imparcial perante os fatos está ligada ao caráter político do texto. Dessa forma, o fato das pesquisas não denunciarem o viés político das narrativas não significa necessariamente que estas não o possuam. Seja pelos temas escolhidos pelos historiadores, seja pela maioria dos viajantes não apresentar uma preocupação política como algo prioritário em suas trajetórias, tais circunstâncias não tiram a possibilidade de se encontrar aspectos políticos nos relatos. Maria Graham esteve no país justamente nos anos anteriores à Independência do Brasil, e apresenta uma sutil consciência de que fatos políticos podiam estar sendo deturpados na Europa:

Talvez só haja de novo no Diário [...], a exposição em conjunto de notícias que chegaram isoladas à Europa, e ainda o registro da impressão produzida no local por ocorrências que, de longe, podiam ser apreciadas de maneira diferente. Alguns fatos foram sem dúvida deformados pelas fontes interessadas através das quais chegaram ao público; outros, pela ignorância dos informantes; e a maior parte pelo espírito partidário, que encara sempre, ora com entusiasmo, ora com malevolência, a conquista da liberdade em qualquer parte do globo. (GRAHAM, 1956, p.15).

Embora os relatos tenham sido utilizados pelas editoras na luta propagandística a respeito do país dos trabalhadores, seria irresponsabilidade julgá-los apenas como panfletos de enaltecimento ao regime, uma vez que o motivo da maioria das viagens era a curiosidade que

eles apresentavam em conhecer um território tão polêmico. A ideia inicial da viagem era observar a sociedade soviética e explaná-la em seus relatos, independente de terem ligações com o movimento comunista ou de serem influenciados por alguma ideologia. A função exercida por um relato não é definida apenas por quem o escreve, mas também por quem o lê, isto é, pela própria sociedade do viajante.

Desta forma, se considerarmos o momento de luta política e propagandística em que se encontravam os relatos de viagem do século XX, e especificamente os da década de 1930, fica mais clara a valorização do relato testemunho para a época, uma vez que seus autores argumentavam que, diferentemente de informações de outros meios de comunicação que poderiam estar sendo deturpados por influências políticas ou partidárias, eles viram com seus próprios olhos o que estava ocorrendo na URSS.

Nesse sentido, entende-se a necessidade dos autores levantarem a bandeira da imparcialidade e da veracidade. Tanto a sociedade brasileira quanto as sociedades de viajantes de outras partes do mundo estavam sendo bombardeadas por notícias a favor e contrárias ao novo sistema soviético. Trabalhadores de diversos países se uniam em partidos comunistas ligados à Internacional Comunista para proclamar a revolução mundial do proletariado. Isto é: independente dos viajantes procurarem construir uma imagem que não fosse totalmente favorável ou contrária à URSS, seus relatos de viagem já nasciam com a função de ser uma arma política perante os olhos da sociedade.

Possivelmente devido a essas peculiaridades dos relatos de viagem do século XX, as pesquisas que até então os analisam não adentraram muito na questão da imagem da URSS formada por seus autores. O que se percebe é que os viajantes permanecem em foco. Hollander, por exemplo, encara os relatos como um alicerce para examinar conexões entre convicção e descrença de intelectuais ocidentais. As técnicas de hospitalidade e a própria alienação dos intelectuais, segundo ele, impossibilitariam que as representações construídas pelos viajantes a respeito da sociedade soviética tivessem qualquer sentido (HOLLANDER, 1981).

Rachel Mazuy, pesquisadora de relatos de viagem franceses de 1919 a 1939, teve como principal intenção descobrir quem partiu e por quais objetivos, tentando isolar grupos específicos em suas atitudes, a fim de compreender como se efetuou a viagem (preparação, trajeto e experiências) e em que medida isso influenciou o itinerário político e social dos viajantes. “São, por conseguinte, os próprios viajantes que nos interessam, mais que a imagem trazida pelos viajantes. (...) Escolhemos centrar a análise nos militantes, e todas as viagens diretamente políticas” (MAZUY, 2002, p.10. Tradução minha).

Em suma, a pesquisa envolvendo relatos de viagem do século XX encontra-se em um momento de aprofundamento. É necessário não só buscar os significados atribuídos à viagem pelos viajantes e por sua sociedade, considerando suas condições de produção, sua repercussão e apropriações que eles tiveram junto ao público leitor, como também aqueles que estão intrínsecos à forma com que constroem a sociedade que observam. Afinal, como bem observa Pratt:

Nenhum processo de explicação poderia ser mais excitante (e desconcertante) do que nossa crescente constatação de que a história é direcionada tanto pela maneira como as pessoas imaginam que as coisas são, quanto pela maneira como as coisas realmente podem ser. (PRATT, 1999, p.17)

Bibliografia

- BORM, Jam. “Defining travel: on the travel book, travel writing and terminology”. Youngs, tim; hopper, Glenn. Perspectives on travel writing. Ashgate, 2004.
- CARR, Helen. “Modernism and travel (1880-1940)”. In: HULME, Peter; YOUNGS, Tim (orgs). The Cambridge Companion to Travel Writing. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- CARONE, Edgard. O Marxismo no Brasil (das origens a 1964). Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986.

Raquel M. Tôres

- CESAR, Osório Thaumaturgo. Onde o proletariado dirige: visão panorâmica da URSS. São Paulo: [s.n.], 1932.
- EDMUNDO, Cláudio. Um engenheiro brasileiro na Rússia. Rio: Calvino, 1934.
- FRANCO, Stella Maris Scatena. Peregrinas de outrora: Viajantes Latino-Americanas no século XIX. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2008.
- _____. "Relatos de viagem: reflexões sobre seu uso como fonte documental." In: JUNQUEIRA, Mary Anne; FRANCO, Stella M. Scatena. (Orgs.). Cadernos de Seminários de Pesquisa. Vol. II. São Paulo: Humanitas, 2011.
- GRAHAM, Maria. Diário de uma viagem ao Brasil e de uma estada nesse país durante parte dos anos de 1821, 1822, 1823. São Paulo: Editora Nacional, 1956.
- GUANABARINO, Juvenal. O que vi em Roma, Berlim e Moscou. Rio: Calvino, 1934.
- HALL, Michael. "Some Considerations on accounts of travel to Brazil in the Nineteenth and Twentieth Centuries". Colloque International "Voyageurs et Images du Brésil", Maison des Sciences de l'Homme (Paris), 10/12/2003.
- HOBBSAWM, E. J. Revolucionários: Ensaio Contemporâneo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- HOLLANDER, Paul. Political Pilgrims: Western intellectuals in search of the good society. New Brunswick: Transaction Publishers, 1998.
- HULME, Peter e YOUNGS, Tim (orgs). The Cambridge Companion to Travel Writing. Cambridge: Cambridge university Press, 2005.
- JUNQUEIRA, Mary Anne. "Elementos para uma discussão metodológica dos relatos de viagem para o historiador". In: JUNQUEIRA, Mary Anne; FRANCO, Stella M. Scatena (orgs.). Cadernos de Seminários de Pesquisa. Vol. II. São Paulo: Humanitas, 2011.
- KERSHAW, Angela. "French and British Female Intellectuals and the Soviet Union. The Journey to the USSR, 1929 – 1942". E-rea [En ligne], 4.2 | 2006, document 7, consulté le 28 février 2012. URL: <http://erea.revues.org/250> ; DOI: 10.4000/erea.250.

- KUPFERMAN, Fred. *Au Pays des Soviets : Le voyage français em Union Soviétique 1917-1939*. Paris: Collection Archives, 1979.
- LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. *Livros de viagem (1803 – 1900)*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.
- MAZUY, Rachel. *Croire Plutôt que Voir?: Voyages en Russie Soviétique (1919-1939)*. Paris: Odile Jacob, 2002.
- MEDEIROS, Maurício Campos de. *Rússia: notas de viagem, impressões, entrevistas, observações sobre o regime soviético*. Rio de Janeiro: Calvino, 1931.
- PRADO Júnior, Caio. *URSS: um novo mundo*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934.
- PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru: Edusc, 1999.
- RODRIGUES, Jaime. *De costa a costa. Escravos, marinheiros e intermediários do tráfico negreiro de Angola ao Rio de Janeiro (1780-1860)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- SAÍTTA, Sylvia. *Hacia la revolución: Viajeros argentinos de izquierda*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2007.
- SELA, Eneida Maria Mercadante. *Modos de ser, modos de ver*. Campinas: UNICAMP, 2008.
- STADEN, Hans. *Viagem ao Brasil*. Salvador, Progresso, 1955.
- STUDER B. "Le voyage en U.R.S.S. et son "´retour´", *Le mouvement Social* 2003/4, n° 205. URL: <http://www.cairn.info/revue-le-mouvement-social-2003-4-page-3.htm>
- SZACKI, Jerzy. *As Utopias ou A Felicidade Imaginada*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.